

I CONGRESSO DA PSIJUS – MUDAR DE VIDA

19 de Maio de 2015

Senhora Doutora Maria Barroso,

Presidente da Fundação *Pro Dignitate*, Associada e Presidente Honorária do I Congresso da PSIJUS,

Querida Amiga,

Senhora Administradora da COFAC, Prof^a. Doutora Conceição Soeiro,

Senhora D. Ermelinda Brito, antiga autarca e Presidente da Junta de Freguesia de S. Cristóvão e S. Lourenço,

Senhor António Modesto Navarro, antigo Presidente da Assembleia Municipal de Lisboa,

Colegas da Direção, da Mesa e do Conselho Fiscal,

Caras e caros Congressistas e Associados da PSIJUS,

Caríssimos Estudantes de Psicologia,

Amigos,

A PSIJUS inaugura o seu I Congresso, expressivamente denominado *Mudar de Vida*, nesta bela tarde de Maio. Teria de ser em Maio, mês que elegemos, em 1997, como signo e símbolo da Psicologia Criminal e da Psicologia Forense, estabelecendo-se, pouco depois, o dia 24 enquanto data de celebração desta área do saber psicológico. Inspirámo-nos na obra já antiga e clássica do cineasta Paulo Rocha para batizarmos este acontecimento, movido por razões idênticas: trata-se, de certa maneira, de um desejo e de uma promessa de rutura...

Fundada em 2001, antes, muito antes de haver em Portugal uma ordem que assumisse a representação dos psicólogos, foi nosso objectivo

assegurar a promoção e a divulgação da Psicologia Forense, na sua designação mais genérica, abrangendo as valências criminal, do comportamento desviante, da justiça e da exclusão, assim como a defesa dos interesses que aos respectivos profissionais assistem, independentemente dos cenários onde exercem, seja no terreno seja nas universidades. A partir de então, desenvolvemos várias iniciativas de que nos orgulhamos, tendo sempre como norte um triângulo de dimensões equiláteras: primeiro, a consagração desta área como fundamental para os cidadãos e para a exercitação da cidadania plena que todos devemos exigir, procurando promovê-la e demonstrar as suas inevitabilidade e imprescindibilidade; em segundo lugar, preservar o estatuto dos técnicos, preconizando a formação contínua e o apoio constante, chamando a atenção para a necessidade de o trabalho realizado ser supervisionado e sendo intransigentes na exigência de existir graduação académica adequada, isto é, que cada interventor no campo da Psicologia Forense disponha de grau ministrado por uma instituição universitária – licenciatura antes de Bolonha, mestrado ou doutoramento – que o habilite com competências específicas e certificadas para operar neste domínio do conhecimento psicológico; e, em terceiro lugar, mas como corolário lógico dos dois eixos antecedentes, a dimensão ético-deontológica, entendida no plano de uma Ciência do Agir que se vai repercutir nos agires da Psicologia – nas discursividades, nas práticas e nas relações com o sistema de justiça e com os dispositivos de controlo e de intervenção social, com os colegas e demais profissionais com quem se interage, e com os clientes.

Dentre as ações que concretizámos, nestes catorze anos transcorridos, permito-me destacar algumas: a realização de sucessivos cursos de expressão dramática, frequentados majoritariamente por alunos de Psicologia Criminal e do Comportamento Desviante e por profissionais desta vertente, mas também de outras; a constituição da *PSIDOMO*, entidade vocacionada para a intervenção psicológica domiciliária com idosos, seja nas suas residências seja em lares, procurando combater os sentimentos de abandono familiar e de solidão, mediante o recurso à metodologia psico inclusiva, aqui se diferenciando quer das estratégias clínico-terapêuticas quer de formato assistencialista, típico da ação social; a construção de instrumentos de trabalho, como curtas-metragens

especialmente concebidas e realizadas para esta intervenção e a criação de um instrumento específico, a *Rosa-dos-Ventos das Idades (RVI)*; o lançamento de concursos literários, fotográficos e de ideias, abertos a estudantes; a criação, em 2006, do Centro de Artes & Psicologia, responsável por ter decorado alguns eventos da unidade orgânica de Psicologia da Universidade Lusófona com música, através da nossa artista e cantora Susana Pinto, com declamação, com outras psicólogas forenses, como a Ana Emília Oliveira, a Carina Valente, a Maria Gomes Ferreira: como diria Pessoa, primeiramente, alguns, mais fundamentalistas, estranharam que as artes e a cultura aparecessem no âmbito de reuniões científicas; mas depois, entranhou-se e tornou-se recorrente esta inclusão; a institucionalização, em 2008, do grupo de teatro formado por alunos, antigos estudantes, agora profissionais, e docentes, também aberto à colaboração de outros alunos de Psicologia e de membros do corpo docente de diferentes vertentes do conhecimento alojadas na nossa Universidade – e, novamente, de estranho a entranhado; a instituição, com a cooperação da Associação Académica da ULHT, das tertúlias *Café Crime*, em 2004 e 2005; o lançamento, em 2012, da campanha de solidariedade *Um euro lusófono contra a fome*, destinando-se a apoiar as actividades da CARITAS PORTUGUESA para atenuar as carências de milhões de portugueses em face da crise do sistema capitalista internacional e das consequências nefastas do vandalismo económico e social gerado desde 2011; a divulgação frequente de comunicados à imprensa sobre temas relevantes da ação no território juspsicológico (por exemplo, a violência psico afectiva, a famigerada lista de pedófilos, a necessidade de se intervir precocemente sobre comportamentos e situações de risco); o estabelecimento de uma rede de contactos, numa primeira fase com a Associação Iberoamericana de Psicologia Jurídica – Espanha (AIPJ-E), mais tarde, em 2010, com a Associação Iberoamericana de Psicologia Jurídica – AIPJ, sediada em Buenos Aires, mantendo protocolo com ambas e fazendo parte da segunda, integrando a sua Assembleia-Geral, destacando-se a designação da nossa Colega Maria Cunha Louro para o respetivo conselho de ética – que aqui quero salientar; e também com o projecto RecUrra/Grinso, em Madrid, da responsabilidade científica do nosso querido Colega e Amigo, Prof. Doutor

Javier Urrea; participámos em várias edições das Jornadas Espanholas de Psicologia Jurídica/Forense, sentindo-nos completamente em casa – uma grande saudação aos nossos Colegas, Prof.^a Doutora Elisa Alfaro e Prof. Doutor José António Echauri, convidados deste Congresso; e, mais recentemente, em 2012, em Quito, no Equador, vimos aprovada, por unanimidade, a nossa candidatura à organização do X Congresso da AIPJ, a decorrer em 25, 26, 27 e 28 de Maio de 2016, no *campus* da Universidade Lusófona, a cujas Administração e Reitoria aproveito para agradecer a disponibilização de espaço, meios logísticos e financeiros para que esse evento internacional possa ter lugar sob os auspícios da Comunidade Lusófona.

Continuaremos a lutar, até à exaustão, pelo reconhecimento dos psicólogos forenses como profissionais do foro e pela criação da carreira de psicólogo dos tribunais – uma necessidade que só a miopia da ministra da justiça e dos demais responsáveis políticos justifica não ter sido ainda enxergada; mas que os erros judiciários, de investigação, de instrução e de julgamento, como recentemente aconteceu com o jovem Leandro, em Trás-os-Montes, legitimam.

Um dos nossos combates – quiçá o mais relevante – consiste na defesa intransigente da necessidade de formalização da carreira de psicólogo forense nos diversos dispositivos de controlo social, pois esta área da Psicologia carece de reconhecimento explícito e de integração nos quadros do Ministério da Justiça. Basta de a Psicologia portuguesa continuar a servir de parente pobre; é tempo de recusar a ignorância atrevida de alguns dispositivos e de pactuar com a indiferença!

Ao longo destes catorze anos, catorze, colaborámos ativamente em todos os sete congressos organizados pela unidade orgânica de Psicologia da ULHT, desde 2001 a 2014, assumindo responsabilidades executivas e financeiras nessas iniciativas, bem como em várias outras, como seminários e colóquios, nacionais e internacionais; porém, talvez com exagerado pudor, deixámos que a nossa ação fosse pouco visível, tragada na vaga maior da estrutura de Psicologia da ULHT: facto que ora procuramos fazer reverter, pois alcançámos ser hora de a PSIJUS

apresentar o *seu próprio* Congresso – o I, quando poderia ser já o VIII!
Caso para dizer, socorrendo-me da sabedoria popular, *vale mais tarde...*

Está prestes a subir o pano.

Permitam-me, prezados Colegas e Amigos, que aqui deixe registados alguns agradecimentos a pessoas e serviços da Universidade e externos, pelo apoio prestado:

À nossa Associada Honorária e Presidente do Congresso, a minha querida Amiga Doutora Maria Barroso, pela amizade fraterna e solidária com que desde a primeira hora acompanha as nossas iniciativas;

Ao magnífico Reitor, Prof. Doutor Mário Moutinho, pelo sempre presente estímulo a todas as actividades que, como as da PSIJUS, se desenvolvem a partir da ULHT;

À Administração, na pessoa do Presidente do Conselho de Administração da COFAC, Prof. Doutor Manuel Damásio, pelo apoio permanente e pela disponibilidade: foi a COFAC, reconheça-se, quem custeou a constituição da PSIJUS; e agora cedeu-nos este auditório Agostinho da Silva e toda a logística para acolher o Congresso, tal como está garantido, em Maio de 2016, aquando do X Congresso da AIPJ;

Aos Diretores da COFAC, Prof^a Doutora Conceição Soeiro e Prof. Doutor Francisco Faria Ferreira, pela cooperação sempre amiga;

Ao Vice-Presidente da Câmara Municipal de Lisboa e meu Amigo, Dr. Duarte Cordeiro, pela fraterna adesão a este projecto da PSIJUS;

Ao Prof. Doutor Manuel José Damásio, que disponibilizou os serviços gráficos e de *marketing* para ajudarem à organização do presente evento;

À Dr.^a Madalena Braz, que se ocupou das pastas a entregar aos congressistas;

À Dr.^a Rute Muchacho, autora do belo cartaz e do *flyer*;

À Dr.^a Ana Catarina Santos e Sousa, pela ajuda com a colocação de notícia no *site*;

À Dr.^a Nilva Marinho, secretária da Reitoria que, em poucos meses de colaboração, desde que no pretérito Janeiro assumi em tempo integral a Vice-Reitoria, mostra uma enorme solidariedade, que muito contribuiu para amenizar as tarefas mais árduas da preparação desta magna reunião e tem sido um apoio permanente nas minhas funções de Vice-Reitor;

A todas e todos os Colegas que aceitaram integrar os painéis deste Congresso – todas e todos psicólogos criminais ou forenses que, no terreno e nos cenários onde a Psicologia acontece, dão uma bela imagem do que do que é e do que vale esta área;

Aos conferencistas, espanhóis e portugueses, aos presidentes das mesas, aos comentadores e aos oradores que tirarão as conclusões;

Ao meu Amigo João Pedro Viana, chefe de planeamento, que tem uma paciência para me aturar que nada ficará a dever a Job;

Ao corpo de Segurança da Universidade, na pessoa do seu responsável, João Figueiras, mas com um especial reconhecimento a todos os funcionários, pela compreensão evidenciada;

Ao Núcleo de Estudantes de Psicologia – gente fantástica, com quem trabalhei enquanto fui Diretor da Psicologia da ULHT, durante quase nove anos, e com o qual sempre pude contar, em todos os momentos, e agora também, no plano institucional, no desempenho do cargo que a Universidade me confiou – pelo apoio à organização do trabalho e para o *coffee break*;

Aos Estudantes do mestrado de Psicologia Forense – mais alunas que alunos, pois rareiam os homens na Psicologia - pela ajuda segura e proactiva que nos deram na parte organizativa e no apoio nestes dias;

Aos membros do grupo de teatro – os que fazem de atores, e de técnicos e os que nos vão ajudando, pela palavra sugestiva ou crítica – e que são contribuintes de este grupo prosseguir a rota pelas encenações que, não sendo teatro no sentido técnico e artístico, o são pela forma como apresentamos emoções, sabendo que pior que fazer mal é não fazer por receio de fazer ou parecer mal;

À Colega e Amiga Mestre Ana Carolina Martins e ao seu parceiro de dança, Jesuíno Simões;

Aos nossos patrocinadores: as empresas a *Nimis Magis – Serviços; Filmes Unimundos*, cujos zelo e carinho colocados nas filmagens das peças de teatro são inextinguíveis e sempre *pro bono*; *PSIAVA – Avaliação & Consultoria*; a associação *ARALIS*- Eng. Aquilino Ribeiro Machado, pelas despesas que asseguraram e pelo trabalho *pro bono* com que nos apoiam;

Ao secretário executivo da PSIJUS, o Dr. Ricardo Almeida Santos, Colega e Amigo a quem este Congresso deve muito, muito mais do que seria imaginável, em trabalho quotidiano, boa vontade e competência;

À Mafalda Gomes, secretária de produção, uma verdadeira pedra angular dos trabalhos;

À Colega e Amiga Mestre Fátima Tremoço, a sempre contrarregra da companhia e presença crítica em todos os momentos;

A toda a Direção da PSIJUS: à Alexandra Figueira; à Sónia Reis, que alia as funções directivas, no pelouro financeiro, às artes na produção da peça; à Susana Ramos; à Tânia Manuel; à Carina Valente; à Maria Louro: além de Colegas, somos amigos e solidários – por isso conseguimos chegar a bom porto;

À Dr.ª Cláudia Joaquina Marques, artista e artesã, autora das maçãs que constituem a mascote deste Congresso;

Ao Eng.º António Constantino Vieira, arquitecto do *site* da PSIJUS, trabalho que nos ofereceu, disponibilizando-se já para assegurar a gestão e tratamento da plataforma;

À minha irmã, Maria Isabel, pela colaboração crítica e pela oferta de peças artesanais para o Congresso e para a representação, mas também pelo apoio técnico, como economista, a este projecto PSIJUS e a este encontro, em vários graus e qualidade de ajuda;

À Maria, pela dedicação permanente à causa, bem espelhada na excelente relação que mantém com os estudantes;

A todos vós, caras e caros Colegas, Amigos, Alunas e Alunos que estão connosco; também hoje; especialmente hoje; que será um hoje projectado no futuro, a bem deste objectivo comum, em prol da Psicologia Forense, da intervenção juspsicológica, da Ética e da solidariedade.

Atenção: o pano vai subir.

Declaro aberto o I Congresso da PSIJUS – *Mudar de Vida!*

O Presidente da Direção,

Carlos Alberto Poiares